



OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. O UNIVERSO ÉTNICO CULTURAL DOS BLOCOS AFRO ILÊ AYÊ, OLODUM, MALÊ DEBALÊ E BANKOMA NA CENA CONTEMPORÂNEA NUMA CIDADE TRANSATLÂNTICA. Salvador: PPGAC/UFBA. Doutoranda Em Artes Cênicas. Orientadora Suzana Martins. Coreógrafa. Escritora. Professora.

RESUMO

A presente pesquisa de doutoramento, que se desenvolveu na Cidade de Salvador, Estado da Bahia, território de grande incidência negra, nos seus espaços de referência étnico e cultural, dedica-se a formular o aparato teórico e metodológico na cena contemporânea, sobre um conjunto de eventos dos blocos afro carnavalescos soteropolitanos: Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê e Bankoma, levando em consideração o âmbito das Artes Cênicas, explorando os princípios antropológicos, estéticos e éticos formadores de suas práticas espetaculares e educacionais. Em conclusão provisória é sabido que no decorrer da história, as artes espetaculares localizadas nestes terrenos de pulsões, inspiradas em África, que atravessa o Oceano Atlântico e ancora no Brasil construindo e reconstruindo a estética africana brasileira com os seus entendimentos, desejos e sonhos.

Palavras-chave: Estética. Cultura. Carnaval. Etnocologia. Dança.

ABSTRACT

This doctoral research, which if developed in the city Salvador, Bahia State, a territory of great black impact black spaces in their ethnic and cultural reference, is dedicated to formulate the theoretical and methodological apparatus in the contemporary scene, on a set event african carnival groups: Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê and Bankoma, considering the scope of the Performing Arts, exploring the Anthropological principles, aesthetic and ethical practices forms spectacular and educational. In provisory conclusion it is known that in elapsing of history, the located spectacular arts in these lands of instincts inspired by Africa that crosses the Atlantic Ocean and anchors in Brazil constructing and reconstructing the aesthetic Brazilian African with its agreements, desires and dreams.

Words-key: Aesthetics. Culture. Carnival. Etnoscenology. Dance

O despertar em realizar esta pesquisa foi impulsionado, em nível acadêmico, como objeto às construções de práticas espetaculares destes blocos afro baianos e de identidades étnicas culturais de negros e negras, a partir das angústias e inquietações pelas quais eu e outras pessoas negras passamos e passam desde a infância até a fase adulta ao reconhecer e assumir-se negra/negro. Essa dificuldade pode ser compreendida pela historiografia, que conseguiu se perpetuar e continuar a ser reproduzida em grande parte das famílias, escola, enfim, no meio social como um todo. Para uma melhor compreensão identidade é uma fonte de sentido de experiência. Não existe uma nação, um país, uma pessoa sem nome. Isto já demonstra a

diferença. Identidade não é uma descoberta, é também a construção do conhecimento de si enquanto indivíduo. A identidade não existe sem a presença do outro. É uma categoria de definição ou de identificação, ou seja, a maneira como nos vemos.

Vim do Uruguai. Mas não vamos confundir com o país, pois falo do bairro do Uruguai que fica na parte dos Alagados, mais precisamente na Cidade Baixa de Salvador, capital do Estado da Bahia¹. Foi ali onde iniciei minha aproximação com as manifestações artísticas e religiosas da cultura negra baiana.

Participava com entusiasmo das batucadas Uruguai Hora H e Mudança da Massaranduba, dos grupos de mascarados, dos Carurus de Cosme e Damião, das novenas e trezenas de Santo Antônio, do Senhor do Bonfim e da Nossa Senhora dos Mares. Também participava das festas populares da Ribeira, da lavagem do Bonfim, da procissão da Conceição da Praia, dos ternos de reis e dos concursos de quadrilhas juninas.

As associações culturais carnavalescas afro descendentes, popularmente conhecidas como blocos afro, constituem uma das mais importantes expressões da cultura afro-brasileira presentes na Bahia e desfilam nos circuitos Dodô e Osmar. Desde as suas fundações, sob o comando dos tambores, milhares de pessoas, moradores dos bairros, foliões e turistas, cantam e dançam os seus protestos, suas alegrias, suas homenagens aos antepassados, aos seus heróis, sobretudo ao continente africano - terra *mater* - a casa de origem da diáspora negra, reatualizando e recriando a memória ancestral.

Nestes blocos estão presentes valores e saberes africanos e brasileiros, principalmente vinculados às culturas bantu e yorùbána, trazidos para o Novo Mundo, atravessando o Atlântico Negro, sobreviveram às mais adversas imposições da cultura dominante colonizadora, imbricando com os indígenas que aqui existiam, se mesclaram e se transformaram em território brasileiro, mas ainda somos *a carne mais barata do mercado*².

Como fontes de estudos utilizo os autores e as autoras: Lúcia Lobato, Leda Maria Martins, Suzana Martins, Joana Elbein, Clifford Geertz, Marco Aurélio Luz, Michel Maffesoli, Armindo Bião, Stuart Hall entre outros. Estes blocos surgidos nos espaços da pobreza, da marginalização e da prostituição aprenderam e ensinaram a fazer arte, cultura, cidadania e alterar afirmativamente as vidas de muitos jovens pela tradição oral, como também ensinaram aos poderes públicos e a sociedade civil que é possível combater o racismo e a desigualdade social.

É pertinente afirmar que para esta tese seguirei um dos princípios da pesquisa-ação, no qual a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa estão interligados, nos processos “aqui e agora”, do conhecer/viver, ou seja, eu estou “dentro” do objeto da pesquisa, apontados por Juana Elbein, por já ter sido coreógrafa e professora de dança do Bankoma, consultora educacional do Olodum, e também fazer parte das comissões julgadoras das escolhas de músicas e de rainhas dos blocos Ilê Aiyê e Malê Debalê, todos considerados representativos da cultura negra baiana. Esta pesquisa que se constitui com o

1 Segundo o balanço sócio econômico baiano de 2011, divulgada pela SEI-Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, a área territorial é de 564.692,67 km², 417 municípios, área da capital- Salvador é de 706,8km². População total 14.021.432

2 Inspirei-me na música A Carne de Marcelo Yuka/Seu Jorge/Wilson Cappelletto.

apoio político metodológico “desde dentro para desde fora” na dimensão do “vivido-concebido” permite-me edificar as informações coletadas e observadas nesses blocos. (SANTOS, 2000). Já a metodologia “desde fora” está limitada à análise e crítica de quadros de referências científicas.

Que blocos afros são estes?

Estes blocos dentro e fora das suas territorialidades se apresentam com as cores de algumas bandeiras africanas, com os amarrados das indumentárias e turbantes que realçam os movimentos dos corpos dos seus foliões e foliãs, tentando, assim, trazer novos olhares e construções para questões ligadas à diversidade cultural.

O Ilê Aiyê, conhecido como “o mais belo dos belos”, foi o primeiro bloco afro da Bahia. A sua história se inicia antes do dia 1º de novembro de 1974, no Curuzu, subdistrito do bairro da Liberdade, o 2º de maior população negra do país fora da África, segundo dados do Censo Demográfico de 2010, do IBGE. Esta micro região cheia de becos e vielas, é o lugar dos negões e das negonas, como muitos e muitas gostam de ser chamados, que desfilam com os seus cabelos ricamente trançados coloridos, amarrados em turbantes e no modelo *dreadlocks*. A década de 70 foi propícia para os surgimentos destes blocos em especial o Ilê Aiyê, a qual em outras partes do mundo ocorria eventos influenciados pela contracultura, como exemplos as lutas políticas dos negros norte americanos, do *Black Power* à radicalização dos panteras negras, a libertação de países africanos de língua portuguesa.

O Ilê instaura junto com outros segmentos da sociedade brasileira uma nova maneira de fazer e brincar o carnaval, protestando contra o racismo e das desigualdades sociais, fazendo com que o negro assuma e se orgulhe da sua identidade negro-africana. Inaugurando através do carnaval a Contracultura pelo seu vanguardismo estético, baseado nos discursos do movimento negro norte-americano. Ele é o fenômeno que surgiu para “reafricanizar” a Bahia e quiçá o Brasil, criando a Festa da beleza negra.

Escrever sobre Olodum é escrever sobre um dos cartões postais baianos e mais significativos da cultura local. O Centro Histórico do Pelourinho – que já teve os seus momentos históricos de castigar os “maus elementos”, que na sua territorialidade antes da reforma e tombamento ocorrido na década de 1980, com as ruas recheadas de histórias alegres e tristes e de uma rica arquitetura Barroca, um lugar que antes era “mal visto” porque reunia marginais, prostitutas e outros elementos não tão bem-vindos à sociedade baiana – mas, é o lugar dos mais importantes “quilombos urbanos brasileiros” da Bahia.

O bloco afro Olodum foi fundado em 25 de abril de 1979, que na língua yorubá significa “o dono da festa, o aniversariante”, atualmente tem 59 discos gravados. O Pelourinho é o berço das Irmandades dos Homens Pretos e do Rosário dos Pretos, da Sociedade Protetora dos Desvalidos, da Revolta dos Malês, do afoxé Filhos de Gandhi, chamado de “Tapete da Paz”, e da Capoeira dos mestres Pastinha e Bimba.

Um dos objetivos do Olodum é: Assegurar um espaço para o lazer e a reconfiguração identitária do grupo étnico. Foi no Olodum que Neguinho do Samba conquistou o *status* de criador deste ritmo atraindo várias estrelas do *cast* internacional, como, por exemplo, os cantores Norte-Americanos Michael

Jackson, em 1996 - Paul Simon, em 1992 e o cantor jamaicano Jimmy Cliff (1988). A música Faraó de autoria de um ex-aluno meu, Luciano Santos, extrapolou as fronteiras da Bahia, é ainda um dos sucessos do carnaval.

O bloco Bankoma

A palavra Bankoma significa “povo reunido em festa”, na língua *Kikongo* (na forma da língua portuguesa), derivada da etnia Bantu. Homens e mulheres religiosos do Candomblé, fundaram esse bloco em 2000, motivados pela necessidade de dar visibilidade à comunidade-terreiro São Jorge Filho da Goméia, localizado no bairro do Portão, município de Lauro de Freitas.

Em 2007, com o tema “*N’zila Mogungo*: o caminho do mundo”, homenageando o orixá Exu, que segundo o coreógrafo e estilista Marcelo Cardoso foi “[...] um desafio trabalhar este tema por se tratar de uma energia bastante polêmica e mal compreendida pela sociedade, por ser ainda vista e tratada como o diabo”. Em 2008 realizou o seu desfile homenageando o orixá *Ogum N’Kosi*, homenageando também os indígenas brasileiros.

Já em Itapuã, um bairro praieiro de Salvador, Bahia/Brasil, exatamente no Parque Metropolitano do Abaeté, em 23 de março de 1979, foi onde o bloco Malê Debalê nasceu. Mas é na avenida que o bloco faz história há mais de 32 anos. Oriundo do local que foi palco de inúmeros levantes negros, desde o temido Quilombo do Buraco do Tatu (1744 – 1764), até as revoltas de 1807 a 1814 promovidas por negros pescadores escravizados.

Este bloco foi inspirado na população descendente dos africanos, os *Malês*, que foram desterritorializados e sequestrados para o Brasil no período da colonização portuguesa. Os Malês organizaram uma revolta no ano de 1835, na Ladeira da Praça, na cidade de Salvador, deixando um marco muito significativo nos âmbitos da cultura, da política e da religiosidade. O bloco Malê desde a sua fundação sempre homenageia as manifestações afro-brasileiras, tendo a Capoeira e os rastafáris como partes das suas alas artísticas no desfile.

É relevante evidenciar a importância para a juventude negra daquele bairro e do seu entorno o concurso de rei negro e rainha negra Malê, no qual estes e estas jovens se apresentam com algumas características específicas da arte de matriz negro-africana como, por exemplo, a dança com os quadris requebrando, a polirritmia, os figurinos confeccionados com tecidos brocados em cores variadas, palhas da costa e búzios.

Concluo que as artes espetaculares localizadas nestes blocos, inovam e demarcam os estilos no mundo da música, da dança enfim, da estética na Bahia. Sim! É necessário escutar as histórias quantas vezes forem necessárias já que a cultura negra não é homogênea e sim culturas com estruturas e códigos que ordenam e conduzem as diversidades.

Assim, adoto a idéia geral de cultura que tem acento no pensamento de Clifford Geertz (2009), a qual pode ser entendida como:

Um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 2009, p.103).

Embora os seus temas confirmem a crença de uma África como fonte de saberes, eles recriam uma África mítica, que funciona como narrativa para as suas criações. Essa e outras questões estão ligadas à memória, porém uma

memória impregnada e integrada com o presente, sem esquecer a historiografia, que me ajuda a refletir sob uma perspectiva artística na memória e nos corpos de quem vive ou para aqueles já viveram esses fenômenos.

A filosofia de Hall (2003, p.259), na tentativa de chamar atenção quanto ao retorno ao passado das lutas culturais assume diversas formas e, nesse processo histórico e dinâmico, ele aponta: “[...] as forças emergentes ressurgem sob velhos disfarces históricos, apontando para o futuro podem perder suas forças de antecipação e se voltam somente para o passado”.

Sabemos que no decorrer da história, as artes espetaculares localizadas nestes blocos, inspiradas no continente africano, que atravessa o Oceano Atlântico e ancora no Brasil construindo e reconstruindo a estética africana brasileira com os seus entendimentos, desejos e sonhos. Através das suas ações sócio-políticas, os seus conteúdos podem ser explorados em projetos mais amplos, de natureza interdisciplinar, integrando conteúdos de outras disciplinas do currículo escolar a exemplo da História, da Geografia, do Português entre outros. Vejo que estas criações dos blocos em Dança, Música, Figurino, e os cabelos trançados ou ouriçados são formas que se entrelaçam e atravessam várias fronteiras, e que se pode chamar de estética negra, provocando a compreensão de que em termos etnográficos, não existem formas puras, mas são também únicas.

Referencias

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**; tradução de Vera Mello Joscelyne. 11 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 9. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LOBATO, Lúcia Fernandes. **Malê Debalê: Um espetáculo de resistência negra na cultura baiana contemporânea**. Tese (doutorado em Artes Cênicas) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàdè, àsèsè e o culto égun na Bahia**. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.